

23126

PA

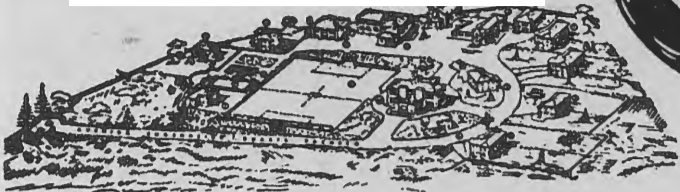


Gaiato

27 DE JANEIRO DE 1968

ANO XXIV — N.º 623 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Esta Casa é quase desconhecida daqueles que poisam os olhos nas colunas de «O Gaiato». Situada na mesma quinta em que se ergue a pequena aldeia do Calvário, oferece a quem chega o aspecto airoso de solar antigo, ora destinada a rapazes menos dotados intelectualmente, a quem vamos prendendo ao campo, neste tempo em que tudo dele vai fugindo. São trinta os moradores. Alguns, já casados, orientam os mais novos. Que seria de nós sem o campo! Seus ares são um tónico poderoso para os males da rua. A natureza é grande mestra. E apaixona sem darmos conta. Raros acreditam hoje que o campo possa seduzir. Eu digo que sim. Eu próprio já não dispense giro diário pelo nosso. A semente que morre. A planta que brota. As folhas que se abrem. As flores que sorriem. Os frutos que se abrem. E os rapazes mais doentes que se regalam. Tudo é beleza. Evidentemente que se as entidades, que se sentam no lugar da responsabilidade colectiva, ajudassem o labor agrícola era menos penoso. O arrotear, o adubar, o semear e depois o colher seriam mais fáceis se houvesse orientação e ajuda eficazes. Mas ainda estamos longe em que ser do campo será nobreza. Hoje é atraso. Falta caminhada longa. Temos medo de encarar e dizer a verdade. Por ora o trabalho é penoso e incompensador. As sementes, os adubos, as máquinas quase são inacessíveis. Naufraga-se no geral por toda a parte. O regime cooperativo, ainda que vantajoso, não é acreditado à primeira. Pelo contrário. O homem anda farto de ser enganado pelo homem, e por isso coloca-se na desconfiança. A florestal, a fruticultura, a pecuária não são seguidas por falta de técnicos provados e, sobretudo, porque a reconversão das culturas e dos métodos exige fundos disponíveis e, até, economicamente negativos de premeio, que pequenos proprietários não podem suportar.

Não somos competentes para falar de tão ingente

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Na sua passagem por Malanje, Sr. P.e Carlos gostou muito do João, que nos serve à mesa, e disse-me se lho queria vender. «Oh! só pelo nariz do André me mandaram 15 mil escudos», lhe respondi.

Quando estou mais à rasca com as facturas a pagar, digo ao André: «Temos que vender o teu nariz!» Isto tudo a brincar, pois nem todo o oiro do mundo pagaria o João e o André. E eram moedas perdidas!

O João, não. Tem pai que o pode ter e educar. Esta cartinha é para ele. Para que leia e medite — no valor do seu filho perante o seu coração de pai.

Um dia virá e o levará pela mão. Não ficarei triste. O lugar do João é junto do pai.

x x x

Temos em casa um ladrão. Continuamos a tê-lo e a querer-lhe bem. Fruto duma família

desorganizada, faltou-lhe o carinho no dia em que mais precisava. Foi quebrada uma ordem; houve uma vertigem; e o rapaz caiu.

As nossas fontes são chagas. Nem sempre podemos ser modelo. Vamo-nos purificando e levantando depois das quedas — quando não conseguimos evitá-las.

Penso em, qualquer dia, entregar ao nosso ladrão as chaves do cofre. Se as massas falharem, repetiremos de novo.

x x x

Foi em Luanda, depois dum peditório na Sé: — Venha almoçar comigo.

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

ÁFRICA

AOS MICROFONES DO R. C. DE MOÇAMBIQUE

Faz hoje 28 anos a «Obra da Rua». Fundada sobre a pedra angular que é Cristo Jesus; tendo por bandeira o Seu Santíssimo Nome — não admira que do pequenino grão de mostarda semeado em Miranda do Corvo, tenha nascido a árvore frondosa que já é, estendendo os seus ramos, oferecendo a sua sombra e

os seus frutos, desde entre Douro e Minho a Lourenço Marques, abrigando mais de 800 avezi- tas errantes a quem serve o caldo de catorze lareiras acesas.

O aniversário que estamos celebrando é-nos particularmente querido. Em 1924, depois de dezoito anos vividos no Chinde e em Lourenço Marques, o Américo de Aguiar devia regressar de suas férias na Metrópole a cumprir aqui um contrato. Porém, outro Contratante se interpôs: Aquele mesmo que um dia se fez encontrado com pescadores da Galileia a quem chamou a sê-lo, mas de homens. Tal como estes, também o Américo deixou a barca e as redes, e, sem olhar para trás, para os bens de que se libertava, para os amigos de quem se distanciava, para a vida prometedor que sacrificava, tomou a cruz e seguiu o Mestre, bem certo de que Ele não tem onde reclinar a cabeça e os discípulos não são mais do que Ele.

Deixar os bens, amigos, uma vida prometedor — e isto de coração livre! — não significa necessariamente extinção de afectos legítimos. Eu sou testemunha de como Pai Américo não esqueceu esta terra da sua juventude; de como lhe guardou intacta ternura revelada no contentamento com que sempre recebia um visitante ido de cá. Se no Cêu, onde

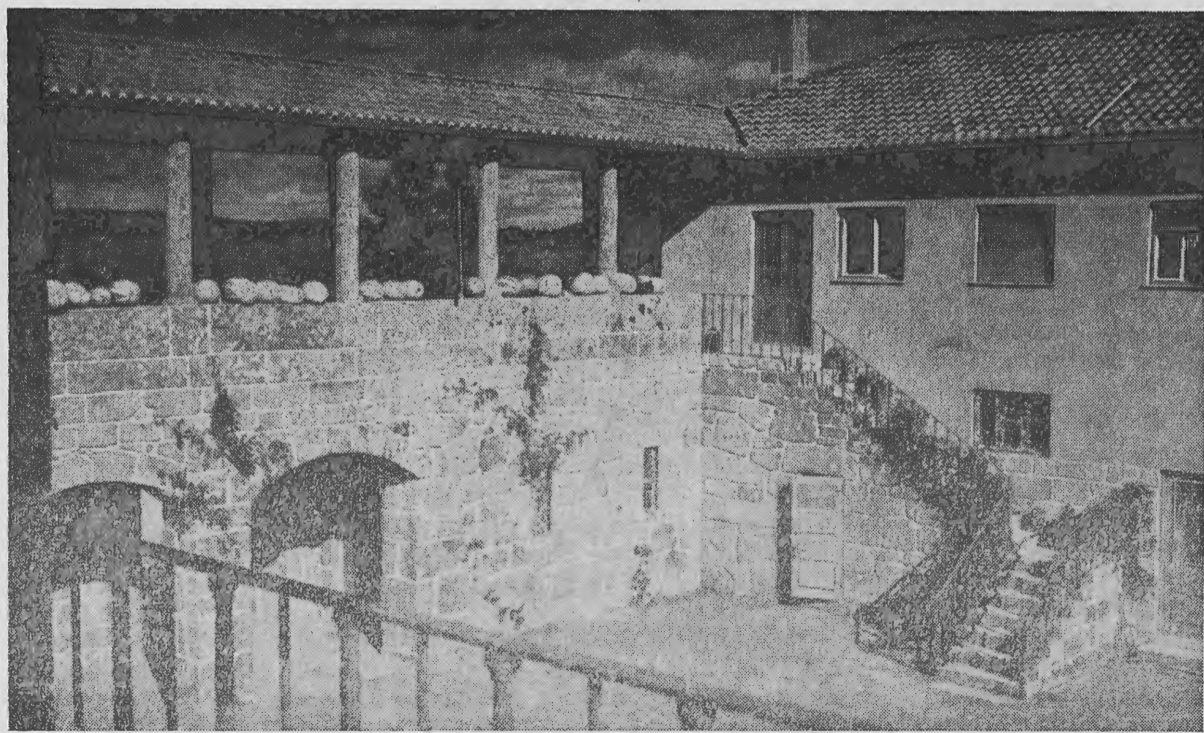
o julgamos, pudesse haver um acréscimo de satisfação por qualquer acidente a juntar à felicidade essencial da visão de Deus, nós diríamos que hoje é, para ele, um dia de muita alegria, ao contemplar o seu regresso, agora muito mais substancial e perene, na pessoa de seus filhos, no estabelecimento da sua Obra, que, nesta festa do Santíssimo Nome de Jesus de 1968 começa oficialmente ao Km. 16 da estrada do Norte, em Santiago do Infulene. Por isso, tão particularmente querido nos é o aniversário que estamos celebrando!

28 anos é uma idade já madura. Ao longo deles quantas experiências não demonstram a validade perene da sabedoria evangélica quando ela é integralmente vivida e não apenas uma ciência que se conhece! Da altura a que chegámos, olhando os princípios da vida sacerdotal do Pai Américo — que vemos?

1.º — Uma Fé totalitária, que o fez identificar a razão da sua vida com a causa do Reino de Deus.

2.º — Uma Esperança absoluta no Senhor, corolário da sua Fé. E uma confiança singular nos homens, porque tendo eles sido feitos à imagem de Deus, por muito maus que sejam, difi-

Cont. na TERCEIRA página



A Casa do Gaiato de Beire oferece a quem chega o aspecto airoso de solar antigo. Reparem na varanda...

Aqui, LISBOA

A burocracite é um mal que, se não mata, faz perder muitas energias e justifica muitos atrasos. Temos medo daqueles senhores que, atrás dos seus óculos de grossos aros, se escudam na letra das leis e não olham ao seu espírito. Ainda há bem pouco tempo ouvíamos de um belga amigo o queixume de ter ficado com impressão pouco lisonjeira dos portugueses por causa da série de papelada, das diligências e das dificuldades postas para determinado fim, o que só foi desvanecido pelo conhecimento da alma das pessoas. Tão pouco nos esquecemos da tarde totalmente perdida, há anos, a convencer alguém, em local pouco agradável, que tendo licença de isqueiro, embora esquecida em casa, e não possuindo na carteira a importância da multa provável, era razoável e humano procurar estabelecer contacto, pessoal ou telefónico, que permitisse sanar o assunto. Na nossa vida de caixeiros viajantes, ao serviço dos nossos Rapazes, causamos impressão, sobretudo a situação dos indivíduos de poucas letras, geralmente identificados com as pessoas de poucos recursos, que são em muitos casos, como bolas de pingue-pongue, lançadas de um lado para o outro, sem saber como resolver os problemas. Às vezes perdem-se dias e dias de trabalho por exigências que variam com os funcionários ou as repartições, quando não há a juntar despesas de transportes feitas e outros prejuízos de maior monta.

Todas estas considerações surgem à nossa mente pelo facto extravagante, aliás desconhecido em quinze anos de vida de funcionário, de termos recebido de uma determinada Direcção de

Serviços Officiais, a resposta manuscrita seguinte, num bocado de papel qualquer, ao pedido de reexpedição de uma carta, não entregue ao destinatário por desconhecimento do carteiro da área: «Devolve-se porque só pode ser registada a entrada nesta Direcção, de correspondência feita em papel selado. Se a carta foi devolvida pelos C. T. T. deverá expor em papel selado, juntando um selo fiscal de 10\$, não colado». Salvo melhor opinião, para lá de outras considerações pertinentes, não nos parece que só deva ser registada nas repartições a correspondência em papel selado. Há aqui, como em tantas circunstâncias, o posso, quero e mando da burocracite, inimigo de uma sábia administração, que só causa embaraços e aborrecimentos e a ninguém aproveita. E a acreditar que as coisas se processem assim agora, é caso para lamentar o agravamento do mal, a solicitar antídotos que só os Responsáveis pelas coisas públicas podem receitar, a bem de todos e, em especial, dos mais humildes. Por estes, sobretudo, escrevemos estas linhas, por serem mais débeis e não possuírem, às vezes, argumentos prontos e capazes, para se oporem eficazmente aos excessos ou às deficientes inter-

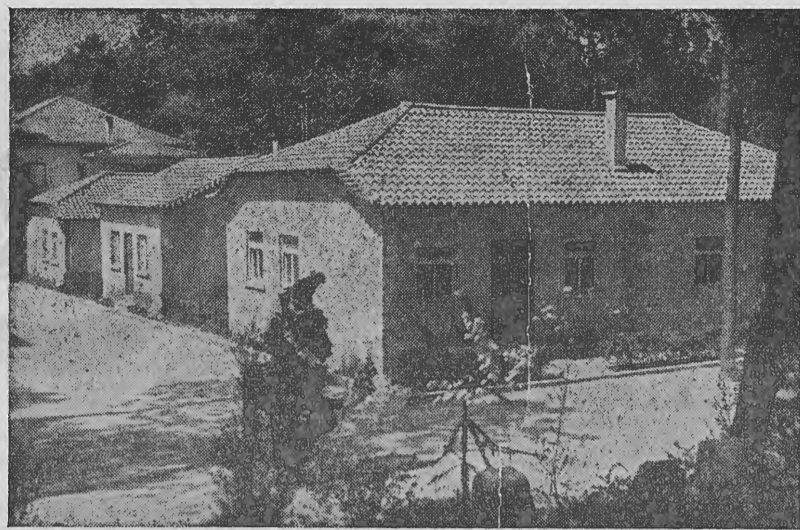
pretações daqueles que, nos Serviços, estão para servir.

x x x

Em «O Gaiato» de 7 de Outubro último falámos do propósito de intensificar a venda do jornal em Lisboa. Dissemos nessa altura: «Há muito poucos escritórios onde os nossos vendedores têm entrada. Se conseguíssemos penetrar em meia centena de repartições ou companhias seria excelente. Uma vez de quinze em quinze dias não perturbaria o trabalho ou a disciplina a venda do nosso pequeno jornal. O tempo perde-se doutras maneiras e a disciplina toda a gente sabe como se perturba... Interessa apenas atingir as pessoas que leiam o jornal; comprar e deitá-lo fora é coisa que não vale a pena. Contamos com a amizade provada de todos aqueles que lêem «O Gaiato» e sabem bem que não se trata de um pasquim qualquer».

Repetimos hoje o apelo, que até à data não teve uma só resposta, e já ficamos felizes se, em vez de meia centena, nos abrissem as portas uma vintena de repartições ou companhias. Será que teremos de baixar o número numa terra de milhões de habitantes?

Padre Luís



UM BELO FRISO DO NOSSO «CALVARIO»

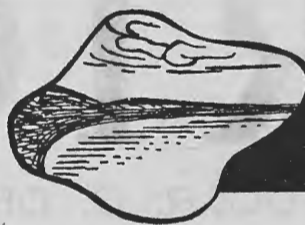
Varanda de Beire

Cont. da PRIMEIRA página

problema. Mas sentimo-lo apesar de acreditarmos no futuro da agricultura. Este reduzido naipe de trabalhadores rurais ainda acarinha estas terras durienses. Têm brio. Estamos a começar Janeiro e temos tudo podado. Eles gostam de ser os da vanguarda nestas paragens. E ninguém lhes leva a palma. Quando chega a primavera os nossos campos transformam-se em jardim. Já os ouvi exclamar: — Olhe que lindo, o nosso campo! Com o gado sucede outro tanto. Venha ver as nos-

sas vacas. Já nasceu mais uma ninhada de leitões. Temos mais duas mecas gémeas. E eu vou e encho-me da alegria que deles transborda. Será teimosia tola esta de fixar o homem à terra? Evidentemente que o nosso caso particular, de rapazes mentalmente menos dotados, impõe normas de conduta diferentes do comum. Mas ficamos apavorados com a debandada em massa dos terrenos outrora férteis. É o desprezo que impera, motivando uma economia materialista. O problema não está na desvalorização das terras, mas na sedução de capital, mais singelamente conseguido em outros poisos. E o drama resultante são os que ficam pelos campos, os doentes, os velhos e os incapazes de mais, entregues a si mesmos, sem beneficiarem deste evoluir franco e rápido da ciência e do progresso. Não são pois os campos que perdem sua fertilidade. Os homens é que desertam, abandonando neles os mais fracos e impotentes. Até quando?

Padre Baptista



SETUBAL

As presenças de amigos no Natal deste ano foram extraordinariamente reduzidas. Não sabemos bem porquê. Alguém descobre explicações? Nós não sabemos.

Entretanto queremos dar notícias do que nos veio ter, para que conosco se alegrem os que por nós se sacrificam ou conosco vibram.

Um velho amigo com votos de B. F. depositou no Ultramarino dez contos. Não sabemos o seu nome. Suspeitamos. Outro mandou-nos um cheque de 5.599\$70 com uma carta de encorajamento.

Outro amigo que todos os anos se desobriga trouxe um abraço e cinco notas de mil. Soube-nos à presença de Deus pelo sacrifício feito, pelo escudimento, pela amizade pessoal. Mais duas desobrigas sempre fiéis pelo Natal: mil mais mil.

Dum engenheiro que me pediu para um rapaz: 2.940\$00. Outro engenheiro veio dar-nos

um abraço com 500\$00. Dum amigo pela venda dum prédio. É a segunda vez. Um cheque de mil. Uma mulher de chaile quase todos os domingos me traz cinquenta escudos para ajuda dos «rapazinhos». Pelo Natal trouxe dois mil. Eu tremo. Dou graças a Deus! Fico confundido.

Para camisolas, mil. Ainda bem. Este ano não tivemos camisolas. Para onde foram elas? E as senhoras, que todos os anos se empenhavam em dar prendas aos gaiatos, que fizeram este ano? Para bifes 500+500\$00.

A porta do Luís Toddi alguém pergunta se sou eu. Sim senhor. E deixou na minha mão trezentos. O jornal «O Setubalense» mandou a expressão da sua amizade com mil escudos. As irmãs do Outão vêm sempre às nossas festas. É pelo Natal. É pela Páscoa. Nunca se cansam. Amam. Roupas de altar mais quinhentos escudos.

De um padre trezentos, de outro quinhentos. Como eu gosto de sentir a fraternidade dos irmãos padres. O Liceu fez festa aos mais pequenos e carregou-os de mimos e de roupas.

O Externato diocesano organizou uma campanha incutim-

do nos alunos o interesse pelos Pobres e encheu-nos a carinha de bolos, mercearia, brinquedos e roupas. A Junta de Freguesia de S. Sebastião deu vinte bons cobertores. A de Anunciada quinhentos escudos. A de S. Julião também quinhentos. E a de Santa Maria?

Do Canadá vieram cinco dólares. O Banco Pinto e Sotto Mayor concedeu a esta «instituição de caridade» 500\$. Os empregados do Ultramarino, que todos os meses se quotizam, depositaram 355\$. Mais um vale de quinhentos e mais donativos: 500 + 50 + 50 + 50 + 50 + 100 + 600 + 300 + 200.

A Setubauto remeteu-nos um cheque de mil e quinhentos escudos. E as outras empresas?

Com B. F., «para que possam comer bifes pelo Natal», novecentos escudos. Por uma promessa 100\$. Uma presença pequenina e amiga de Luísa, 20\$. Dois lindos e pesados perús, com um garraão de geopiga.

Um médico veterinário trouxe um carregamento de carne.

Um casal deu-nos a bicicleta de sua filha. Arranjamo-la. Tem sido um delírio. Eles nunca se viram com uma bicicleta. Os mais pequeninos, dos cinco

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

— Somos muitos!

— Eu sei.

E foi num bom restaurante com dois amigos dele! E tudo do melhor. Depois, um passeio de barco na baía. Eu vi os olhos dos meus Gaiatos a conquisar o mundo, porque vendidos pelo carinho daqueles três amigos.

Como a beleza das flores, do mar e dos morros de terra vermelha — assim os gestos daqueles que semeiam o amor!

Padre Telmo



TRIBUNA de Coimbra

Há três anos, por motivos de saúde interrompemos uma tradição que vinha dos primeiros tempos de Pai Américo — o Natal dos Lázaros. Este ano reatámos a tradição.

Foi uma tarde toda e muito cheia. Na véspera a nossa padaria esteve afadigada com Maria do Rosário, Fonseca e Ruizito a amassar e a cozer as borainhas que ficaram um mimo.

Maria da Luz foi à praça comprar dois grandes cestos de tangerinas. Bazar do Porto havia-nos dado três caixotes de brinquedos. Fábricas Triunfo não esqueceram as suas bolachas para nós e nós dividimos pelos doentes. Eu passei por uma loja de frutas e comprei dois grandes cachos de bananas. Zézito deu uma volta e juntou todas as revistas boas. No quiosque do nosso Machado comprei maços de cigarros.

Com todas as coisas já em casa foi uma tarefa a preparação das saquitas, um para cada doente. Foram umas centenas. Os rapazes puseram amor no trabalho. Sacos prontos iam em cestos, eis a Opel a puzar com tudo a caminho dos Hospitais de Celas. A tarde estava soalheira. Cinco dos rapazes mais velhos do Lar foram os meus companheiros.

Começámos de uma ponta. A hora era de repouso, mas a nossa visita não cansava o doente. Fomos junto de cada um com uma palavra de conforto. Um dos rapazes colocava o saquinho na mesinha. Outro dava os brinquedos aos pequenos. O Manuel distribuiu as revistas, jornais e uma estampa. Eu ofereci cigarros aos

homens fumadores.

Encontrámos muitos doentes já de há anos. Vimos muitas lágrimas em muitos olhos. Recebemos testemunho de muita gratidão. Muitos quiseram beijar-nos as mãos. Sentimos a beleza de sermos todos irmãos. Oh como é bom e feliz encontrarmo-nos todos em Cristo, que é o laço da nossa união!

Era já o fim da tarde quando deixámos o último pavilhão de Psiquiatria e alguns dos doentes vieram ao caminho para lhes darmos mais cigarros. Dias antes haviam-nos dito que a visita mais bem aceite era a dos doentes de Neurologia e Psiquiatria. Por isso, quisemos vir a todos. Parte daqueles irmãos só é capaz de apreciar alguma guloseima ou o cigarro. E diante de nós tomam atitudes de alegria escaldante.

Consola-nos o ambiente cada vez mais carinhoso e mais humano que vai rodeando os doentes. Que bem nos sentimos naqueles salões com o chão a luzir e a cheirar a cera e os doentes à volta do grande aquecedor a gás, com os olhos no aparelho de televisão! Em Neurologia um dos enfermeiros dizia-nos que agora, com os novos medicamentos e calmantes, os doentes andavam à vontade e se sentiam felizes.

Regressámos a casa mais ricos com o alívio que quisemos dar e com o sofrimento de todos aqueles irmãos e mais dispostos a aceitar as contrariedades que em cada dia fazem a cruz da nossa vida.

Padre Horácio

Cont. da PRIMEIRA página

cilmente serão capazes de apagar em si todos os reflexos do Sumo-Bem.

3.º — Um grande amor a Cristo. Deste amor nos fala Pai Américo no seu testemunho espiritual:

«Os «padres da rua» são apaixonados de Cristo. Podem não ter carismas sensíveis, nem os olhos e ouvidos dos primeiros Apóstolos; mas são da mesma Paixão e gastam-se, como eles, em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo».

4.º — A certeza de que Jesus continua a «passar no mundo fazendo o bem». Por isso nos adverte: «Recordem a toda a hora que sem Ele nada é possível e com Ele nada é impossível. Neste sentido o «padre da rua» não aceita dúvidas. É um obreiro do Senhor que vê a obra feita antes de começada».

5.º — A convicção profunda de que Cristo é o agente de todo o bem de que somos instrumentos: «Os «padres da rua» só podem crescer e caminhar na medida em que se convençam das maravilhas que Deus opera pelas suas passadas e as prêguem ao mundo. Doutra maneira seria desperdiçar». Por isso acrescenta Pai Américo: «Submetam-se aos Conselhos de Cristo Nosso Senhor como se O tivessem visto, ouvido e conhecido na Sua vida mortal. Mergulhe cada um na vida escondida do Mestre, onde necessariamente encontra as mais virtudes necessárias que o fazem crescer em Graça e em Santidade».

6.º — Uma inteira devoção à Justiça e à Verdade: «A «Obra da Rua» é uma resposta à fome e sede de Justiça de tantos de quem os «padres da rua» comungam a dor. O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade».

7.º — A lógica independência de quem se apoia totalmente em Deus e não conta com outro auxílio senão o dos homens que

África

AOS MICROFONES DO R. C. DE MOÇAMBIQUE

Deus suscita. Assim, passa descomprometido por entre os poderosos, no serviço da Verdade; falando aos ricos da linguagem dura da Justiça, no serviço dos Pobres — sempre a servir, nunca servil, porque só Um é o Senhor a quem serve, o Senhor de quem depende, o Deus da Misericórdia infinita perante quem o poder dos poderosos e a riqueza dos ricos é irrisório.

8.º — A vivência incessante «do espírito de pequenez» do Evangelho, como meio de Salvação: «Se vos não tornardes como estas criancinhas não entrareis no Reino dos Céus». «O Reino de Deus é semelhante a um grão de mostarda, que, sendo a mais pequenina das sementes...» «O Reino de Deus é semelhante ao fermento, que se perde na massa...».

«Por isso — recomendou-nos Pai Américo — saibam esconder-se em seus escritos, suas falas e tudo quanto seja expressão, para que a Obra de Deus respalde e converta».

9.º — A Loucura da Pobreza decorre de quanto dissemos: «Os «padres da rua» são pobres por devoção. O espírito de pobreza é a sua pedra de toque».

«Devem ser firmes e resistir com toda a confiança à tentação do pecúlio». «A nossa verdadeira riqueza é a Pobreza!»

«A nós compete-nos viver uma pobreza heróica e dolorosa, amada por amor da pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo, de cuja fidelidade depende a suficiência perene das coisas necessárias à vida, quer na doença, quer na velhice».

«Os «padres da rua» são mendicantes: Padres pobres ao serviço duma Obra pobre. Sempre que necessário saiam a mendigar e recebam por amor de Deus tanto o SIM como o NÃO».

«Vão pelas igrejas e apresentem-se ousadamente como padres sem oiro nem prata, sabendo que a eficácia da palavra que faz estremecer as almas provém, não deles, mas da total concordância entre o que dizem e o que realmente são».

«É proibido aceitar heranças por testamento. Não se deixem levar pelo falso raciocínio de que tendo mais podem fazer melhor. No caso de uma herança não é verdade. É a carne a falar. Rejeite-se aquele pensamento por um acto de Fé na vida e nas promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo».

10.º — No entanto, se a loucura da pobreza levanta os corações ao alto, não arranca os pés

da terra. O equilíbrio, um senso de Encarnação, são notas distintivas de Pai Américo.

Ouçamo-lo uma vez ainda: «Os «padres da rua» são homens que não podem perguntar o que hão-de comer e vestir, sem deixar, contudo, de trabalhar e poupar para terem sempre à mão o necessário tanto para si, como para as multidões que os procuram».

Estas são razões que explicam o êxito, que justificam a fecundidade da «Obra da Rua», há 28 anos começada de tão pouco e já tão grande!

Todavia, não ajuntámos estas considerações para ficar por aqui, senão para dizer qual o significado autêntico da presença da Obra em Moçambique com a abertura da CASA DO GAIATO em Lourenço Marques.

Pois, com o espírito que Deus assoprou em Pai Américo e ele nos legou, vimos viver no meio de vós, em comunhão convosco, Povo de Moçambique.

A presunção mais superficial será a de que vimos para fazer assistência aos rapazes abandonados — e isso é verdade. Mas, mais do que isso, vimos para dar testemunho duma vida que nem sempre se apoia nas regras da prudência humana, antes procura corresponder às exigências da Verdade, da Justiça, do Amor, tripé em que poisa a Prudência divina — vida que 28 anos de existência demonstram ser possível, ser válida, ser sedutora.

Como é em vida que pretendemos demonstrar e não em argumentos de palavras, eis que a CASA DO GAIATO de Lourenço Marques vai ser o veículo da demonstração. Demonstração que não somos nós, «padres da rua», que vamos fazer, mas nós e vós, pois há-de ser a vossa consciência, alertada pela urgência e grandeza de muitos problemas sociais, que acordará todo o vosso potencial de Fraternidade — e a vossa colaboração surgirá daqui e dali, repartida em migalhas pequeninas, unidas pelo vosso amor, pelo vosso sacrifício, a repetir nos nossos dias milagres de multiplicação de pães e peixes, que hão-de encher de conforto as nossas almas e fazê-las cantar a Realza de Cristo que «passou, passa e passará no mundo até ao fim dos tempos a fazer o Bem».

Visado pela

Comissão de Censura

Lourenço Marques

Por P.e José Maria

Esta Casa recebeu o primeiro rapaz moçambicano. É um pequenino maconde que ficou sem família e as nossas tropas recolheram e acarinham até ao momento de se irem daqui. Quem o trouxe até nós foi o Capelão. Este primeiro abriu oficialmente a nossa Casa, no dia do SS.mo Nome de Jesus, dia de Festa grande em toda a Obra, pois é data de começo, este ano enriquecida com mais o desta de Lourenço Marques.

Pela mesma altura apresentou-se-nos, sózinho, outro rapaz, e com mala aviada. Parece ter vindo, até ao portão, conduzido por alguém, que o largou e seguiu. Era um vadio da cidade, já adolescente, que nunca frequentou a escola e com família. Dissemos-lhe que não, explicando qual o fim desta Casa, e seguiu na primeira camioneta, de regresso à cidade.

Até aqui os factos. Agora vamos à doutrina, como diria Pai Américo. A Casa do Gaiato é fundamentalmente uma família para aqueles que não a têm, ou

que por ela foram abandonados em circunstâncias em que a consciência social não chama ninguém à responsabilidade a não ser a própria vítima, quando, uma vez abandonada, entrou no caminho da prevaricação. Nós somos para estes. Mas ainda assim só nas idades próprias para a sua educação e portanto nunca além dos treze anos. Os outros já não são da nossa conta. Nós somos semeadores. Naquele que, para além dessa idade cresce na rua, como se sabe a grande escola de vício, a sementeira do bem ou do mal está feita. Pouco ou nada há a fazer.

Entretanto não podemos, propriamente, receber mais ninguém. Aguardamos a conclusão das duas casas dos nossos casais cooperadores, uma delas já mesmo nos últimos retoques e então vamos cobrir com telhas esta onde moramos. Fica mais fresca e melhorada as condições interiores. Precisamos depois de alguns beliches para duplicar os dez leitos que temos e assim poderemos dar a mão a mais dos realmente nossos.



PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Azeitona — Temo-la quase toda apanhada. Todos fazemos esta tarefa com muito entusiasmo, pois é das que gostamos mais, embora o frio também seja bastante.

Desde o «Faisca» com o grupo dos mais pequeninos, o Zé Manuel com o grupo dos miúdos e o «Tachucha» com o seu grupo, e todos estes com as suas latas a apanharem azeitona do chão, até aos que andamos em cima das oliveiras, e os das oficinas que logo que são chamados vão a correr cada qual agarrar a sua vara para subirem a uma oliveira, tudo é alegria e entusiasmo.

Sucedem-se os cantares, as piadas de uns para os outros, as latas a despejarem-se nos poceiros e estes no carro que depois transporta a azeitona para o lagar. Ninguém anda triste.

Chegamos sempre assim ao fim dum tarde alegre mas bem aproveitada.

Officinas — Até aqui os rapazes das nossas oficinas de Serralharia e Carpintaria têm andado bastante entusiasmados, porque têm chovido encomendas daqui e dali, e disso é que eles gostam. Mas de há um tempo para cá tem-se notado que estas encomendas começam a diminuir e por conseguinte os rapazes desanimam. Eles fazem muita coisa. Desde janelas, portas, caixilhos, armários, marmos, grades, portões, etc. até carros de bois. Portanto venho apenas lembrar aos nossos amigos que não deixem de enviar trabalhos para as nossas oficinas de Carpintaria e Serralharia.

Ao serviço da Pátria — Partiu mais um dos nossos rapazes. Esta foi a vez do Fernando, ex-chofe maior da nossa Casa, que partiu no «Príncipe Perfeito» rumo a Lourenço Marques. Mais um valente ao serviço da Pátria e a Pátria pode contar com ele, como tem contado já com tantos gaiatos.

Francisco José

CALVÁRIO

Ao iniciar estes primeiros apontamentos para os nossos leitores, neste novo ano de 1968 queremos saudar com muito carinho todos os que nos amam e particularmente os que não têm querido fazer o mesmo. Para todos vão os sinceros desejos que Deus reine no Mundo, tão necessitado de Justiça e de Amor!

Ao lembrar o ano transacto temos muito que agradecer. Primeiramente a Deus. Depois aos homens de boa vontade.

Muitos foram os factos ocorridos a testemunhar o dia a dia vivido no Calvário em 67. Alegrias e tristezas como não podia deixar de ser. Esta é uma força a que ninguém se pode alhear. Porque a verdade não foi feita para dividir mas para unir. Todos que foram recolhidos somente para

demonstrar que Deus quer mostrar a sua grandeza nos irmãos sofredores. Eles são uma prova mais concreta para aqueles que, possuídos de riqueza e saúde, fingem não perceber esta verdade. Como estes doentes também poderiam estar incluído no seu pequeno número. Ou então no daqueles que esperam ansiosos quem lhes deite a mão. São tantos!... Amar não é apenas o «eu». Mas compreender melhor os outros. Tantos têm sido as ocasiões verificadas em pessoas, a pensar de uma forma tão diversa daquela a que preside o espírito da Obra. Talvez não tenham ainda conhecimento da verdade dita por Pai Américo: «Nós somos uma palavra nova... — Temos muitos defeitos, mas nem por isso recuamos».

A verdade não foi feita para dividir mas para unir! Formulamos votos para que todos neste novo ano pensem mais a fundo na nossa vida de sofrimento, que Deus permite, para verem a Verdade: Resgatar doentes abandonados e alertar todos os homens que querem a verdadeira Justiça e Paz!

Manuel Simões

TOJAL

Caros leitores: como todos sabem, formular uma ideia é um bocado difícil; por isso, muitas vezes é-nos impossível escrever com facilidade e originalidade.

Natal — O Natal é como o renascer de uma esperança que Cristo veio trazer aos homens, ensinando-lhes a trilhar sempre o caminho do Bem, da Verdade e da Justiça. A nossa compreensão é mesquinha para compreendermos o que vai de significativo e de grandioso nessa palavra tão pequena em sílabas, mas grande no aspecto de revelar aos homens um grande facto histórico.

Aniversário — A nossa Obra comemorou no dia do Santíssimo Nome de Jesus, o seu 28.º aniversário da sua existência.

Pai Américo com a sua vontade preciosa num sentido de ajudar quem estava submerso, sem alguma esperança de ser alguém neste mundo, deixou todos os seus interesses pessoais e entregou-se de alma e coração à humanidade, ao mundo inteiro.

Pois aqui ficam os nossos votos de que a nossa Obra continue a evangelizar todos os que precisam da sua ajuda, e que permaneça durante muitos longos anos, num esforço que traduz abnegação.

O nosso jornal — Muitas pessoas perguntam a si próprias, qual é a leitura verdadeira e eficiente que contém o nosso jornal. O jornal de «O Gaiato» é nada mais nada menos, do que uma mensagem de Amor e de Paz que Deus, com a Sua Omnipotência, quis revelar aos homens; por isso, o nosso pequeno jornal não pode nem quer traduzir vaidades, nos seus artigos.

Todos os nossos leitores já repararam que o jornal de «O Gaiato» não contém artigos extravagantes que possam estragar a humanidade, mas sim a verdadeira doutrina de Jesus Cristo, para ensinar aos homens qual o ca-

minho que melhor deve percorrer, nesta vida penosa e cheia de ciladas.

Tipografia — A nossa oficina de Tipografia esteve um pouco paralizada, porque o trabalho acabou repentinamente e vimo-nos aflitos para continuar sem haver interregno. Por isso, aqui formulamos os nossos desejos, de não deixarem para a última hora as encomendas que estão prestes a chegar ao fim.

Obras — Num progressivo andamento, a nossa Aldeia vem surgindo à luz do dia, compassada com ritmo moderado e alegre. Várias dependências já foram feitas e outras ainda estão para se fazer, mas lá virá o seu tempo. É, pois, para dar graças a Deus o muito que já se fez nestes anos que passaram, num esforço dispendioso que todos os meus colegas souberam mostrar.

Futebol — O nosso grupo de futebol tem estado parado por falta de adversários que queiram defrontar-nos. Por isso aqui quero convidar novamente todos os grupos interessados em nos visitar, porque os nossos rapazes já perderam o último e estão a baixar de forma. Já que estou a falar de futebol queria-lhes fazer um pequeno pedido, ainda há pouco formulado. O nosso grupo tem falta de caneleiras. Se algum dos nossos leitores quisesse enviar algumas nós ficávamos imensamente agradecidos.

Por hoje despeço-me, nada mais tenho a acrescentar. Portanto até uma próxima oportunidade se Deus quiser e que este ano de mil novecentos e sessenta e oito seja repleto de felicidades.

Joaquim Martins

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

AS NOSSAS CONTAS — Estamos a proceder à impressão de um singelo relatório da actividade conjunta de ambas as Conferências de Paço de Sousa durante o ano passado. Já que todos os subscritores vão receber um opúsculo, os leitores do *Famoso* não poderiam deixar de ser esclarecidos. A vossa participação material, em nossa acção, é verdadeiramente substancial!

Aí vão as contas:

RECEITA — Saldo do ano anterior, 199\$80; Colectas nas reuniões, 639\$70; Subscritores, 17.786\$40; Peditórios, 4.017\$70 (1.241\$70 de Ofertório das Missas + 2.776\$00 do Ofertório para a Consoada); Donativos, 10.952\$50 (10.452\$50 por intermédio de «O Gaiato» + 500\$00 de diversos); Diversa, 5.790\$50 (1.000\$50 de um espectáculo na Casa do Gaiato + 4.790\$00 de um sorteio). Total da receita: 39.386\$60.

DESPESA — Géneros (mercearia, pão, leite, etc.), 30.811\$90; Ajudas em dinheiro, 5.190\$00; Farmácia e assistência médica, 3.377\$40; Saldo para o ano de 1968, 7\$80.

Os números são frios. Pois são! Mas na matemática vicentina exprimem um laço de união que deve estar presente em todas as comunidades cristãs... Mais: aqueceram muitos lares; mataram fome; curaram feridas e males do corpo; e procuraram ser um veículo que desperte em todos, todos, que onde está a Caridade aí está o Amor. Aí está Cristo. E, sem Ele, que faríamos? Pouco ou nada...

O QUE RECEBEMOS — Como há muito já não dávamos conta dos vossos donativos, segue uma lista comprida! Abre um amigo da Calçada dos Ingleses, Porto, com 100\$00. O mesmo de um velho amigo que ora sofre, humanamente, a partida da esposa para o Céu. 25\$00 de Ois da Ribeira. 80\$00 de Valentim. 50\$00 da

Rua Lindo Vale, Porto. 20\$00 da Viúva do Porteiro. Mais 20\$00 da assinante 19098. O mesmo da n.º 28369. Mais 50\$00 do n.º 11247. Outros 20\$, de Alda. Idem, da 14186. Mais idem, da 8508. A 17022 marca presença com 50\$00. E 20\$00 de Maria Batata. «Por alma de Antero», 50\$00. Vila Real de Santo António presente com 137\$50. De novo a 17022 com 40\$. Metade de A. F., do Porto. Idem, da 13973. Alice Pequena, 200\$00. 10\$00 do assinante 26157, do Porto. O dobro de um Capitão do Exército. Idem, do 9290. Mais 10\$00 da 14941. O dobro do 21742. Mais 200\$ de um médico lisboeta. 40\$00 também de Lisboa, R. Eduardo Noronha. De novo A. F., com metade. Por fim, roupas do Entroncamento e da assinante 17164 e de uma anónima que nos diz e muito bem: «Nem só no Natal há frio». Que grande verdade!

Para todos, o muito obrigado dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

BENGUELA

Estimados amigos: mais uma vez a voz de Benguela, vos saúda com amizade.

«O nosso Pão» — Todo o nosso mundo trabalha por comer o pão. É por causa do pão, que o chefe de família todas as manhãs sai para o trabalho. É por causa do pão que muitas famílias vivem... eu sei lá como!

Em nossa Casa graças a Deus não nos tem faltado o pão de cada dia. As 7,30 da manhã, quando a comida chega com ele já não é novidade.

Os primeiros a chegar aos sacos são o Cardoso e o nosso Joaquim dos Santos Rodrigues que, anos atrás, desconheciam porque eram obrigados a desconhecer, uma vez que passavam fome; agora, são os primeiros a pegar nos sacos e como dizer:

Muito obrigado meu Deus, pelo pão que nos dais.

O clima Angolano — Para quem

António Augusto



O António dos Anjos (que foi do Tojal), ao lado da esposa, no dia do casamento.



Uma Carta

«Fala-vos alguém que gosta de saber notícias vossas e de vez em quando vos encontra em família, à maneira de «instantâneos», no vosso jornal «O Gaiato».

Mas como nem sempre consigo ouvir a vossa voz, porque Lisboa é grande e estas ruas demasiado dispersas, queria pedir-vos para serdes vós a lembrar-me enviando-me o vosso jornal.

Eu já tive a felicidade de comunicar convosco mais profundamente, ousou dizer quase em família e, por isso, sei que não é em vão que vos falo, mas talvez por força dum compromisso. Aliás esse compromisso não é nada mais do que a simplicidade da marca deixada por uns momentos de intercâmbio de amor.

Agradeço e recordo que hei-de pedir a Deus que vos abençoe e particularmente Lhe repetirei (eu sou estupidamente incrédula) que se lembre sempre dos «Batatinhas» e de vós, e de nós todos.

P. S. — Esqueci-me de dizer que o dinheiro vai depois, porque de momento me é conveniente. Tomo a liberdade desta decisão porque já sei que pode ser assim convosco, pois sabeis olhar «as aves do Céu e os lírios do monte», não é?»



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE